



CORRIDA À CASA BRANCA

Kamala ataca Trump por suposto elogio a Hitler

John Kelly, ex-chefe de gabinete, contou à imprensa ter escutado do então presidente republicano que líder nazista “fez algumas coisas boas também”. Para candidata democrata, adversário quer poder sem controle e se mostra cada vez mais “desequilibrado”

» RODRIGO CRAVEIRO

Apenas 13 dias das eleições norte-americanas, a vice-presidente dos Estados Unidos e candidata democrata à Casa Branca, Kamala Harris, saiu à frente da residência oficial, em Washington, para condenar o adversário republicano por supostos elogios ao líder nazista Adolf Hitler. “John Kelly, ex-chefe de gabinete de Donald Trump, disse que gostaria de ter generais como os de Hitler. Donald Trump disse isso porque não quer militares leais à Constituição dos EUA, mas a ele”, declarou Kamala.

“É profundamente preocupante e incrivelmente perigoso que Donald Trump invoque Adolf Hitler, o homem responsável pelas mortes de 6 milhões de judeus e centenas e milhares de americanos. Tudo isso é evidência sobre quem se trata Trump. Isso é uma janela sobre quem Donald Trump realmente é. (...) Sabemos o que Donald Trump quer: ele quer um poder sem controle”, acrescentou a candidata.

De acordo com a democrata, “Trump está cada vez mais desequilibrado e instável”. “Em um segundo mandato, pessoas como John Kelly não estarão lá para servir de proteção contra suas propensões e ações”, advertiu Kamala. Ela também alertou que a escolha, em 5 de novembro, está nas mãos do povo.

“Autoritário”

Na terça-feira, John Kelly afirmou ao site *The Atlantic* e ao jornal *The New York Times* que o magnata “admira ditadores”. “Certamente o ex-presidente está na área da extrema direita, é claro que é um autoritário, admira pessoas que são ditadores, ele mesmo disse isso. Portanto, sem dúvida, encaixa-se na definição geral de fascista, com certeza”, declarou o ex-alto assessor. Kelly revelou que, em mais de uma ocasião, o republicano fez “comentários positivos” sobre Hitler. “Ele (Trump) disse, mais de uma vez: ‘Você sabe, Adolf Hitler fez algumas

coisas boas também”, relatou.

A porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, assegurou a jornalistas que o presidente Joe Biden concorda com Kelly sobre o fato de Trump ser um fascista. “O ex-presidente disse que será um ditador a partir do primeiro dia (de governo)”, disse. “Não podemos ignorar isso. E não podemos nos esquecer do que ocorreu em 6 de janeiro de 2021”, emendou, em alusão à invasão do Capitólio por simpatizantes de Trump. Na terça-feira, em evento de campanha em New Hampshire, Biden foi muito aplaudido ao pronunciar uma frase inesperada. “Temos que prendê-lo”, disse ele sobre Trump. “Prendê-lo politicamente”, apressou-se Biden a esclarecer a declaração.

O ex-presidente democrata Barack Obama participou de um evento de arrecadação de fundos de campanha, na segunda-feira, durante o qual disse que Trump é alguém em torno do qual os nacionalistas brancos se unem explicitamente. Até o fechamento desta edição, Trump não tinha se pronunciado, pessoalmente, sobre os ataques de Kelly e de Kamala. No entanto, o porta-voz da campanha do Partido Republicano, Steven Cheung, acusou o ex-chefe de gabinete de fabricar histórias e desmentiu que o magnata tenha elogiado Hitler. De acordo com ele, Kamala é uma “perdedora total que está cada vez mais desesperada” e sugeriu que a retórica “perigosa” da democrata colocou a segurança de Trump em xeque.

Autor de *American Hitler: Trump and his cult of followers* (*Hitler americano: Trump e seu culto de seguidores*) e pós-doutor em sociologia pela Universidade de Michigan, Ken Levi é direito ao relacionar o magnata republicano ao fascismo. “Trump não apenas admira o líder nazista, mas segue a cartilha de Hitler. Por que ele está se saindo tão bem nas pesquisas? A resposta é simples: racismo”, afirmou ao *Correio*, por e-mail. “Racismo contra os negros, hispânicos, migrantes; racismo contra qualquer um

que não seja americano cristão branco. Como eu disse: puro Adolf Hitler.”

Em entrevista à emissora de televisão CNN, em 28 de janeiro de 2021, Irene Butter, sobrevivente dos campos de concentração, hoje com 94 anos, disse que jamais imaginava que os EUA veriam “ecos dos nazistas e de seus regimes”. “O que aconteceu em Washington, em 6 de janeiro de 2021, foi uma tentativa de golpe de nosso governo e um desmoronamento de nossa democracia, que protege todos os nossos direitos. Vi uma camiseta com as palavras ‘Campo de Auschwitz’, bem como outros símbolos e slogans antissemitas usados pelos manifestantes”, relatou.

Trump e Kamala chegam à reta final de campanha tecnicamente empatados em uma das eleições mais imprevisíveis das últimas décadas. Uma projeção feita pelo site *The Hill*, ontem, mostra que o republicano teria 52% dos votos contra 48% para a democrata. No entanto, com um sistema de votação baseado nos delegados do Colégio Eleitoral, nem sempre o ganhador do voto popular vence a eleição. Em 2000, Trump teve mais votos do que Biden, mas perdeu o pleito.

Evento simbólico

Um dirigente da equipe de campanha do Partido Democrata disse à agência France-Presse que Kamala fará as “alegações finais” contra Trump na próxima terça-feira, em Washington. O comício ocorrerá no Ellipse, um parque em frente à Casa Branca, onde o republicano incentivou seus apoiadores antes do ataque ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021. Segundo a fonte, Kamala, que por muitos anos foi procuradora, pretende destacar as diferenças entre ela e Trump e de acusá-lo de fomentar a divisão nos Estados Unidos. Na ocasião, ela tentará convencer os americanos sobre o risco representado pelo retorno de Trump ao poder. O republicano aposta nos eleitores indecisos para ter direito a mais quatro anos no comando dos Estados Unidos.

Kevin Dietsch/Getty Images/AFP



Kamala discursa na residência oficial, em Washington: “Tudo isso é uma prova sobre de quem se trata Trump”

Anna Moneymaker/Getty Images/AFP



Trump acena para a multidão ao deixar evento com líderes evangélicos, em Zebulon, no estado da Geórgia

TURQUIA

Atentado mata cinco e fere 22 perto de Ancara

Armados com fuzis automáticos e carregando uma mochila, dois terroristas — um homem e uma mulher — invadiram a sede das Indústrias Aeroespaciais Turcas, em Kahramankazan, a 40km ao norte de Ancara, às 15h30 (9h30 em Brasília). Antes de começarem a disparar, uma forte explosão atingiu a entrada do prédio. Até o fechamento desta edição, nenhum grupo tinha reivindicado a autoria do atentado terrorista, que deixou cinco mortos e 22 feridos. No entanto, o governo da Turquia afirma ser muito provável o envolvimento de rebeldes do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Os extremistas chegaram ao local do ataque a bordo de um táxi e acabaram neutralizados pelas forças de segurança.

O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, denunciou um ataque motivado pelo “ódio”, enquanto participava da cúpula do Brics, em Kazan (Rússia). “Nenhuma

Luta pela independência

Fundado na década de 1970, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) lançou uma luta armada contra o governo da Turquia em 1984. O objetivo inicial do grupo era obter a independência do Curdistão, no sudeste do país. No entanto, nos anos 1990, a facção anunciou que se contentaria com uma maior autonomia para a população curda. Com o fim de um cessar-fogo, em 2015, os combates recrudesceram na região. Em entrevista à emissora britânica BBC, em abril passado, Cemil Baylik, comandante militar do PKK, descartou o desejo de separação da Turquia e da criação de um Estado independente. “Nós queremos viver dentro das fronteiras da Turquia, em nossa própria terra, livremente. A batalha continuará até que os direitos inatos dos curdos sejam aceitos”, avisou.

estrutura, nenhuma organização terrorista, nenhum foco infame contra a nossa segurança poderá conquistar seus objetivos. Nossa luta contra todas as ameaças terroristas continuará com determinação”, acrescentou.

O ministro da Defesa da Turquia, Yasar Guler, apoiou a hipótese

de autoria do PKK e denunciou aqueles que, “como sempre, tentaram perturbar a paz de nossa nação realizando um atentado desprezível e desonroso”. “Sempre damos a estes malfetores do PKK o castigo que merecem (...). Não vamos deixar de persegui-los até eliminar o último

X/Reprodução



Câmera registrou o momento da explosão, que sucedeu o tiroteio

terrorista”, acrescentou. Pouco antes da zero hora de hoje (18h de ontem em Brasília), seu ministério anunciou que bombardeou 32

alvos do PKK e de seus aliados no norte do Iraque e da Síria.

A emissora de televisão privada NTV disse que o atentado perto de

Ancara foi cometido por um homem-bomba e indicou que um “grupo de terroristas” chegou diante do edifício e um deles “se explodiu”. Em seguida, houve um tiroteio que durou mais de uma hora. Imagens de televisão mostraram grandes chamas e uma fumaça branca em frente à entrada do prédio.

Solidariedade

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte, afirmou que conversou por telefone com o presidente turco sobre o “ataque terrorista”. “A minha mensagem foi muito clara: a Otan está com a Turquia”, disse. Erdogan também recebeu apoio direto do presidente russo, Vladimir Putin, com quem se reuniu em Kazan. “Condenamos qualquer ação desse tipo, quaisquer que sejam suas motivações”, declarou Putin ao receber o mandatário turco.